



OUTRA “NOTA À IRACEMA”: O CORPO ESCRITO DE MARTIM

Odalice de Castro Silva*

Martim Soares Moreno, fundador do Ceará e iniciador do Maranhão e do Pará, foi um jovem Português, amigo dos índios, a ponto de se identificar com eles, dando seu esforço, bravura, feridas, mutilação, a trabalhosa vida até à invalidez, pelo Brasil, que defendeu contra Franceses, no Maranhão, e Holandeses, em Pernambuco. Esse herói é o idealizado amor de “Iracema”, na obra prima de José de Alencar: símbolos da virgem terra americana e do civilizador branco europeu...

Afrânio Peixoto

1 O CONTORNO DO ROMANCE AMERICANO

Vivemos o dia-a-dia entre lembranças que reforçam a importância de José de Alencar para os cearenses. Esculturas que ajudam os nativos e turistas a compor a imagem idealizada de Iracema, o centro da lenda do Ceará, nomes indígenas em algumas ruas e as edições do romance mais famoso, são elementos que asseguram a permanência da obra.

A edição bilíngüe de *Iracema*, em 2005, por ocasião dos 140 anos de publicação daquele que marcou a produção literária no Brasil, passada a primeira metade do século XIX, encarrega-se de reforçar a intenção de marcar os vínculos com a França, através da língua, para a qual o romance foi vertido pela primeira vez em 1928, e de lançá-lo ao mundo globalizado por ícone de nossas origens e relações com a colonização, leia-se, por sucessivas tentativas de dominação européia, de portugueses, franceses e holandeses.

O leitor interessado refaz as imagens, retoca o que recuou para as sombras e reaviva os contornos, pois continuamos todos a precisar dos mitos; eles garantem a segurança instável das origens, mas, também, nos incluem entre os povos que se orgulham de suas histórias. É certo que nem todos sabem quem foi, de verdade, José de Alencar, o que fez;

mas, pelo menos já ouviram a respeito dele que era destemido e que enfrentou o poder constituído, isto é contado pelos guias. Esse mesmo leitor, recorrendo aos outros escritos do polêmico criador de histórias, encontra, na oitava Carta sobre *A Confederação dos Tamoios* (o conjunto traz data de 1856, para “Uma Palavra”, ou introdução e de 29 de novembro de 1859, para a última), algumas disposições que se tornam úteis para uma compreensão mais apoiada na poética implícita dos textos críticos, que passarei a destacar.

As observações a seguir constam de sua autobiografia intelectual, *Como e porque sou romancista*, escrita em 1873 e apenas publicada pela Tipografia Leuzinger, em 1893; oito anos depois da publicação de *Iracema*.

No momento em que as Cartas foram escritas, enquanto fazia a crítica à tentativa de Gonçalves de Magalhães de escrever dentro dos propósitos da Poesia Americana, o que, de acordo com Alencar, aquele poeta não conseguiria, não obstante a insistência com que o autor perseguiria a famosa cor local dos românticos, amadurecia seu projeto pessoal:

O primeiro elemento de destaque é o sentimento íntimo:

Uma página íntima onde o poeta depositou a flor do sentimento com todos os seus perfumes, onde a pena grave, severa ou triste do cantar de altos assuntos

* Professora do Departamento de Literatura e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC.



transformou-se no pincel delicado do artista para criar alguma figura graciosa ou feiticeira.
(ALENCAR, 1960, 8ª Carta, p. 912)

O “sentimento íntimo”, nomeado como “página íntima”, destoa do “sentimento íntimo” de Machado de Assis, discutido em texto famoso de 1873; neste último o sentimento rompe as barreiras do contingente e permite que o escritor veja o seu tempo de forma redimensionalizada, ou em perspectivas tão amplas, que chegam a quebrar os limites que o aprisionam ao seu tempo.

A seguir, “as regras da arte e os preceitos dos mestres” (ALENCAR, 1960, p. 908) garantem a obediência tranqüila com que o poeta mais novo estudou e aprendeu dos clássicos como cultivar as tradições dos antigos. Argüindo ao autor da *Confederação dos Tamoios* o esforço frustrado de escrever poesia americana e de tão só haver logrado uma epopéia, com temas saídos das histórias indígenas e tendo por cenário uma natureza alterada, Alencar defende os ideais do Romantismo em sua legítima intenção de idealizar a realidade próxima e prosaica.

O terceiro elemento, ou seja, de que o poeta dos tamoios “copiou sem embelezar, escreveu sem criar” (ALENCAR, 1960, p. 909), estabelece, para esta leitura, o ponto de maior interesse. Não vamos perguntar acerca do “embelezamento” criado para a lenda. Lenda não precisa de retoques, é gênero simples e direto por natureza, diz o que é, é o que diz. Dizendo com Schelling (Apud TORRES FILHO, 1987, p. 155), “Os deuses são (na mitologia) seres efetivamente existentes, que não são algo e significam outro, mas significam somente aquilo que são.”

Iracema vive no mito da índia que se apaixonou pelo homem branco, na narrativa, nomeado por Martim, dividiu seu povo, juntou-se ao seu amor, sofreu e morreu por ele, numa espécie de sacrifício necessário, para que, uma vez sacrificada, ela passasse para a memória, esquecida e lembrada, como forma de permitir que o outro, sem remorsos, tomasse posse do que lhe pertencia, agora por doação.

É mesmo na qualidade de quem recebe um dom, um dote, torna-se um representante do legítimo donatário, que chega à foz do rio Ceará, provavelmente, pelos cálculos de Capistrano de Abreu, num dia 20 de janeiro, talvez 1911 ou 1912:

Graças ainda a um dos novos documentos se poderá calcular com visos de segurança que foi a 20 de janeiro de 1612 que ao Ceará chegou Martim soares, disposto a consolidar pazes com o gentio e a fundar uma povoação, tarefas de cujo desempenho em 1611 o encarregara Diogo de Menezes.

Elle era o homem talhado para cometimentos semelhantes. Alem de lhe assegurar facilidades o ascendente que havia adquirido sobre os indios do Jaguaribe e visinhanças pela amizade que lhes mostrava, sciencia da lingua que possuía e proteção que merecia ao Jacaúna, crescera em conceito e confiança ajudando-os contra

corsarios francezes, que aportaram ao Jaguaribe e lá encontraram o desbarato e a morte.

Esse feito dos indios, ajudados de Martim Soares, aconteceu ainda no referido ano de 1611, digo-o, sentindo estar assim em desacordo com autoridade para mim competentissima; ele é anterior á ida de Martim soares á Bahia com o filho de Jacaúna a fazer peditórios, e á volta já negociado de todas as cousas necessarias.
(STUDART: 1905, p. VII)

O trecho acima, parte do que foi organizado pelo Barão de Studart, de que guardamos a grafia original, afirma sobre Martim Soares Moreno as datas de 1611 e 1612, a primeira da possível entrada no Brasil e a segunda da chegada ao Ceará, por Jaguaribe.

Depois das páginas introdutórias, o historiador cearense transcreve o original depositado no Arquivo Geral das Índias, em Sevilha, Espanha, à estante de nº 53, em que é relatada a chegada de Martim Soares Moreno, com data de 1612-1613, e dando como tendo acontecido em Agosto:

Señor: Este mes de Agosto passado llegó á este puerto em uma canoa que venia de Cumana el Capitan Martín Xuarez Moreno Portuguez Alcaide de la fuerza y Poblacion de Seara em la Provincia del Brasil com beinte y siete soldados y marineros y entre ellos site yndios el qual presentó peticion ante mi diciendo que Gaspar de Sosa governador de aquella Provincia con orden de nuestra Magestad le avia mandado fuese á Reconocer el rio Marañon para sondarle y ver de que porte podrian ser los navios que entrasen en el y de camino Reconociese las poblaciones y fuertes que tuviessen los chemigos em aquela parte...
(STUDART: 1905, p.4)

As credenciais constantes dos textos acima não deixam dúvidas sobre as funções de que o enviado do Rei de Portugal estava encarregado.

Tanto nas *Cartas* como em *Como e porque*, Alencar reafirma suas leituras de filosofia e história, a fim de melhor compreender o passado e a natureza e as razões dos homens. Passava muito tempo “na velha biblioteca do convento de São Bento a ler os cronistas”, em Olinda (ALENCAR: 1990, p.47). Logo depois, confessa:

Uma coisa vaga e indecisa, que devia parecer-se com o primeiro broto d’O Guarani ou de Iracema, flutuava-me na fantasia. Devorando as páginas dos alfarrábios de notícias coloniais, buscava com sofreguidão um tema para o meu romance; ou pelo menos um protagonista, uma cena e uma época.

(ALENCAR: 1990, p.48)

Na sétima Carta, quando ainda não escrevera *Iracema*, Alencar anota recordações das leituras que fizera nos inícios da juventude, preparando-se para conhecer, pelos documentos, as fontes de nossa História e, por elas, transitar



com total desenvoltura, para realizar o projeto de “embelezar” e “criar”, construindo uma interpretação polêmica, mas livre e audaciosa das conturbadas e, em alguns momentos, perversas e violentas relações de invasão e tomada do que hoje chamamos de Ceará:

Houve um tempo em que me ocupei, com prazer e até com entusiasmo, das coisas velhas do meu país; em que lia com mais satisfação do que um romance, as crônicas de Simões de Vasconcelos, de Rocha Pita, de Pizarro, de Brito Freire, e as viagens de Mawe; e joeirava aqui e ali dentre as sensaborias do narrador, uma notícia, uma particularidade interessante.

(ALENCAR: 1990, p.908)

A oitava Carta elege um cânone de épicos de culturas ocidentais, de Homero aos românticos franceses, imprimindo com conhecimento de obras representativas de ideais de nacionalidade, de consolidação de poder, de soberania étnica e de virtudes e valores, uma afirmação de leitura que Alencar realizara do épico brasileiro, como a leitura de um erudito. Alencar, àquela altura, quando os romances indianistas ainda estavam na fase de projeto, e seu autor traçava, com o apoio dos cronistas da “descoberta” e “posse” do Brasil e do exemplo de poetas consagrados por povos que contam no concerto das civilizações, vislumbrava as linhas do gênero que o tornaria o escritor da poesia americana, conforme podemos constatar da crítica machadiana constante em “Instinto de Nacionalidade.”

2 COTIADO: O CORPO ESCRITO DE MARTIM

A leitura das crônicas permitiu a Alencar tratar dos inícios do Brasil com a segurança de quem conhecia os relatos e podia escolher os desvios necessários à liberdade da ficção. Formado na leitura de romances franceses e ingleses que tematizaram a conquista da terra ou a idealização da fundação de domínios, o autor de *Iracema* escreveu o “argumento histórico” que convenceu os leitores à época do aparecimento do romance, dando-lhes informações que conferiam ao personagem nomeado Martim, a aproximação conveniente com o português que realmente existiu.

Para equilibrar os elementos da lenda, Alencar ouviu também relatos de descendentes daqueles que, espalhados pelo interior da região, fortaleciam o outro lado da lenda.

Lenda e História colocam, lado a lado, imaginação e fato histórico, num encontro organizado por ténues, mas resistentes fios, que até hoje mantêm o interesse das imagens representativas do nosso primeiro romance, aquele que fala da vocação inicial de nosso sistema literário.

De 1603 registra-se o começo das intenções de Portugal, através de Pero Coelho, para fundar a Nova Lisboa, o povoado, alcançado pela foz do Jaguaribe, com 80 colonos e 800 índios.

Segundo Capistrano de Abreu, referido por Afrânio Peixoto na biografia que escreveu sobre Martim Soares Moreno e publicada em 1941, este teria a idade de 17 ou 18 anos quando chegara ao Brasil. Soares Moreno teria nascido em 1586 e viera na companhia de Diogo Botelho, como soldado.

Diogo de Campos Moreno, seu tio, em *Memórias para o extinto Estado de Maranhão*, por Cândido Mendes de Almeida, em 1874, assegura que “de mui pequeno o havia mandado com Pero Coelho de Sousa pêra que servindo naquela entrada aprendesse a língua dos índios e seus costumes, dando-se com elles e fazendo-se seu muito familiar e parente ou *compadre*, como eles dizem.” (p.163)

José de Alencar, no “argumento histórico”, faz a diferença, o que corresponde à verdade documental, que a primeira tentativa de colonização do Ceará, iniciada por Nova Lisboa, isto é, pela foz do rio Jaguaribe, fora frustrada; mas, numa outra expedição, pelo litoral, e crê-se que pela foz do rio Ceará, com o adjutório de índios que habitavam a costa, chefiados por Jacaúna, irmão de Poti (Antônio Filipe Camarão, nome de batismo em ritual cristão), com a fundação do presídio de Nossa Senhora do Amparo, em 1611.

Se Martim Soares Moreno obteve êxito em 1608, com o apoio dos pitiguaras e três anos depois conseguira a construção da fortaleza mencionada; o Fortim de Santiago, com data de 1604, de acordo com monumento enviado pelo governo da Galícia à Prefeitura do município de Fortaleza, para marcar o local em que os espanhóis aqui estiveram e não por pouco tempo, altera a memória de que os portugueses foram os primeiros, no século dezessete, a se estabelecerem por estas terras.

O monumento, com as datas de 1604–2004, registra a permanência e, conseqüentemente, a convivência com os índios que habitavam a costa, em ponto estratégico para as embarcações provenientes da Europa.

Os episódios narrados por Afrânio Peixoto na biografia já citada são reconstruídos ao longo do romance, desde o segundo capítulo, o do encontro dos dois personagens principais. Pelas informações contidas nos documentos pesquisados pelo biógrafo, e oriundos da recolha feita pelo Barão de Studart, José de Alencar conservou certa fidelidade à versão do historiador, ao ambientar o encontro não na praia da foz do rio Ceará, mas “em um claro da floresta”, naquela serra “que ainda azula no horizonte”, ou seja, a serra Grande, ou da Ibiapaba, onde a índia se banhava nas bicas do Ipu.

Os deslocamentos pelas florestas, no sentido da mata para as praias da costa, coincidem com a dispersão da tentativa de, através de entendimento com os índios, atingir as terras da Ibiapaba. A expedição partira em julho de 1611, chefiada por Pero Coelho e, entre os soldados, Martim Soares Moreno. Mas, “meia légua antes de chegarem à raiz da serra, foram recebidos a frechadas e tiros de mosquete, que 7 Franceses, aí com os Índios, lhe disparavam.” (PEIXOTO, 1941, p.12-13)



Com o malogro desta expedição, Pero Coelho, após um ano e meio de luta para recompor as condições mínimas de permanência na localidade “Nova Lisboa”:

A falta d'água, de alimento, sobre a praia infinda, sob o sol inclemente, com o medo dos índios, até os que iam morrendo, e um filho de dezoito anos neste número, a presença da espôsa, a animosa Dona Tomásia, deram, à miserável caravana [...] estavam tão fracos que o vento os derribava e assim se iam deitando pela praia...

(PEIXOTO: 1941, p.15).

Após este episódio, Martim Soares Moreno será nomeado em carta de 1612, pelo Governador Geral, para fundar a primeira das três capitânicas iniciais: a do Ceará, a do Jaguaribe, a do Maranhão.

No romance, Martim, conduzido por Poti e Iracema, deixa a serra e dirige-se à costa, o que corresponde ao relato histórico, uma vez que após as condições em que as lutas da primeira expedição deixaram seus integrantes, o caminho seguinte será a margem direita do Rio Ceará, ou a foz que ainda hoje liga o rio ao oceano, acontecendo, aí, o “núcleo de povoação do Seará.” (PEIXOTO: 1941, p.18).

Segue-se a este fato, ou seja, de haver conseguido atingir a costa e aí, “com os seus índios” construir a povoação que deu nome à localidade, o famoso episódio narrado no capítulo vinte e quatro do romance e constante da narrativa de Varnhagen (na *História Geral*, t.II, p.140), ou da pintura do corpo, como se nativo fosse, figurando um deles, firmando amizade e confiança, cobrindo-se de cores simbólicas em linhas e formatos ritualísticos, e com estes sinais assinando uma mudança de estado. Estava na terra como português e estava ali como se fosse igual aos índios, traços na fronte, no pé esquerdo, no pé direito, passando a ser nomeado como Coatiabo, “o guerreiro pintado”, quando se preparou para tomar um navio holandês no Mucuripe. (Alencar, id., p. 83).

Dirigiu a empresa o proprio Martim Soares, que se apresentou entre os seus, nú como elles e com elles cotiado (do tupi cotiar, pintar, riscar; Garcia) ou pintado por todo o corpo. Cairam os Franceses vitimas de sua confiança, perdendo duas lanchas e o próprio navio, e ficando todos prisioneiros.

Na reconstituição do Barão de Studart, da carta de D. Diogo de Menezes a El-rei, lemos que Martim Soares Moreno e “os seus” “manhosamente os deixaram desembarcar e em terra o matarão a todos e lhe tomarão o pataxo [navio] em que vinhão e huma lancha...” (STUDART, 1905, p.2).

O ritual descrito no citado capítulo vinte e quatro apresenta uma possível conversão do estrangeiro, ao dar-se conta de que a longa e intensa convivência justificaria a decisão de tornar-se como o outro? As inscrições na superfície do corpo corresponderiam a uma possível interiorização de sentimento, de caráter, alterando o que ele era e sentia para o que desejava ou era conveniente estar/ser?

Traçavam em princípio negras riscas sobre o corpo, à semelhança do pêlo do coati de onde procedem o nome dessa arte da pintura guerreira. Depois variaram as cores e muitos guerreiros costumavam escrever os emblemas de seus feitos.

O estrangeiro tendo adotado a pátria da esposa e do amigo, devia passar por aquela cerimônia, para tornar-se um guerreiro vermelho, filho de Tupã. [...] Iracema preparou as tintas. O chefe embebendo as ramas da pluma, traçou pelo corpo os riscos vermelhos e pretos, que ornavam a grande nação pitiguara.

(ALENCAR: 1997, p.82-3)

Com as marcas e as cores dos pitiguaras, Soares Moreno mostrava-se para os índios e para os outros europeus, falando a língua dos nativos, incorporando literalmente seus costumes. Das notícias de 1613, sabe-se que na viagem para afugentar os franceses, o Maranhão e o Pará, “os ventos e correntes” levaram, no retorno, o barco para as Antilhas, indo até a Espanha, e de Sevilha, em 1614, narra os acontecimentos que o desviaram de sua rota, em carta do próprio punho, Soares Moreno, a Gaspar de Souza, em 27 de abril de 1614.

3 “RELAÇÃO DO SEARÁ”

A “Relação” é um texto em primeira pessoa, no qual Soares Moreno relata ao Rei de Portugal, numa prestação de contas, as ocorrências principais das Jornadas de que participou, o apoio de índios, as estratégias para obtenção do apoio, as atitudes de assimilação dos costumes, de modo a que as marcas dos costumes no corpo identificassem a decisão de convertido às regras indígenas; narra os sofrimentos físicos, as dificuldades, a precariedade de alimentação em algumas paragens, a exuberância da natureza, a fatura de madeira, de frutas, de fauna, a aridez da terra em alguns lugares.

Neste depoimento, Soares Moreno registra, com certa urgência, os acontecimentos marcantes, deixando de relatar aqueles fatos posteriores, como “o pedido de mercês” para holandeses que o tinham ajudado e estavam casados com portuguesas, o que consta de carta de 1646 ao Governador Telles da Silva, bem como incursões que resultaram em confrontos com outros invasores, isto é, navios de corsários e piratas franceses.

No ano seguinte, 1648, após 44 anos, “vencido de idade e trabalhos, o mestre de campo Martim Soares Moreno parte para a Baía, sendo por carta patente de 22 de abril de 1648, nomeado mestre de campo do seu têço, Nicolau Aranha Pacheco. Foi concedida licença ao velho herói para ir ao reino.” (p.39).

Para Rodolfo Garcia (em Nota de nº72 a Varnhagen, na *História Geral*, Ed. Garcia, t.III, p.44-5), “desaparece de cena uma das figuras de guerreiro mais heróicas da História Brasileira.” (p.39)



Se Soares Moreno chegou ao Brasil com dezoito anos e, tendo nascido em 1586, em 1648, quando voltou para Portugal, teria 62 anos, nas palavras de Afrânio Peixoto, “pelejando, sofrendo, sendo ferido, mutilado de uma mão, grande língua, identificado aos índios, cuja amizade punha ao serviço da causa nacional, simbolicamente, - ele, reinol, os outros filhos da terra, - colaboradores de uma nacionalidade, deles derivada, a dos Brasileiros...” (p.39)

Retirei da “Relação do Seará” algumas passagens interessantes para que o leitor de *Iracema* possa expandir o contorno do personagem Martim. José de Alencar, no processo de verossimilhança da lenda da fundação do Ceará, conservou o prenome, articulando ficção e História, de modo a manter a atenção no limite dos dois discursos.

A leitura de “Relação do Seará” é imprescindível? Dela depende a compreensão do enredo? Evidentemente, o romance tem autonomia, o que torna o outro texto prescindível. O leitor interessado em cruzar a ponte e transitar mais confortavelmente entre a fantasia e a lenda e “a velha noção de realidade” historiográfica, acompanhará as diferentes modulações do discurso de Alencar e as confissões de Soares Moreno tanto na “Relação”, quanto nas cartas, constando o grau de necessidade das duas falas na nossa vida de admiradores dos mitos da escrita.

O historiador Pierre Vidal-Naquet escreveu, a respeito de propostas surgidas após a revelação/denúncia da existência de campos de concentração nazistas na Alemanha, de que tais lugares nunca existiram, diante da evidência de documentos, fotografias, cartas, testemunhos a comprovar a veracidade dos fatos, que “havia qualquer coisa de irredutível que, na falta de algo melhor, continuarei a chamar de realidade. Sem essa realidade, como se faz para distinguir entre romance e história?” (VIDAL-NAQUET: 2006).

José de Alencar adotou, como romancista, tanto a liberdade, quanto a responsabilidade formal de quem compõe mitos; ao mesmo tempo, compreendeu a segurança de quem consulta alfarrábios, de quem pesquisa crônicas antigas e volta ao passado, provando o gosto de ir às fontes, abrir arquivos, comparar dados, mergulhar nos textos velhos que muito têm para nos contar, sobre épocas que imergiram nas densas sombras do esquecimento.

Romance e História precisam do pêndulo aberto em asas, uma para o sonho, outra para a realidade.

4 ALGUNS TRECHOS DA “RELAÇÃO DO SEARÁ” QUE INTERESSAM MAIS AO ENREDO DE IRACEMA:

1. “Sendo de pouca idade passei ao Brazil por soldado, na companhia do governador Di° [Diogo] Botelho...” (p.49).
2. “Logo que cheguei a Pernambuco fui com o Capitão mór Pero Coelho de Souza a descobrir e conquistar a Província de Jaguaribe e Seará e Mel Redondo...” (p.49)
3. “depois de seis mezes de guerra onde eu recebi muitas

férias com os demais companheiros, e vendo que nos não podíamos sustentar, nos retiramos a Seará...” (p.49).

4. “em uma outra parte se gastarão tres annos onde sempre assisti com muitos trabalho, de cobras e lagartos porque naquele tempo nunca se deu ordem a plantar mantimentos e hoje há infinitos.” (p.50).
5. “Alli no dito anno degollei mais de duzentos franceses e flamengos piratas e lhe tomei 3 embarcações donde uma dellas veio a sua Magd. a esta Cidade toda a proa e popa douradas e para fazer estes assaltos me despia nú e me rapava a barba tingindo de negro com um arco e frechas ajudando-me dos Indios fallado-lhes de contino a lingua...” (p.51).
6. “Após a segunda arribada a Santo Domingo, 1613 e 1616 na tentativa de expulsar os franceses, já doente, narra que um confronto com “um navio pirata”, em águas do Maranhão, “com 18 peças de artilharia com quem pelejei, e me matou toda a gente que foram 19 homens não ficando mais que 3 e um menino todos em pedaços e eu fiquei com 23 feridas, com uma mão cortada, e o rosto com uma cutilada e logo que fui em França que me conhecerão haver morto francezes de Diepa acudirão viuvus e orfãos e a seu pedimento me prenderão e sentenciarão á morte e me tiverão 10 mezes em rigorozas prizões a que acudio o Duque de Montalião Embaixador e fez-me solta mas com gastar muito em meu livramento de que estou muito empenhado.” (p.53-54).
7. “Este dito Seará é um Rio que entrão nelle embarcações de 30 até 40 toneladas está em 2 graus e 2 terços da parte do Sul tem uma pequena fortaleza de madeira com 4 pedreiras, esta sobre o Rio...” (p.54).
8. “Os pagamentos desta gente que se lhe fazem em Pernambuco, será necessario que a metade se lhe faça em fazenda para se vestirem, em preços accomodados, e a outra metade em negros de Angola. Com o trabalho destes escravos breve se fará muito e irão os dizimos em crescimento.” (p.57).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Campinas: Pontes, 1990.
- _____. *Iracema*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.
- _____. *Obra Completa*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1960.
- PEIXOTO, Afrânio. Martim Soares Moreno. Nota à “*Iracema*”. Belo Horizonte: P. Bluhm, 1941.
- SCHELLING, F.W.J. *Filosofia da Arte*. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: EDUSP, 2001.
- STUDART, Carlos (Barão de). *Documentos para a História de Martim Soares Moreno*. Colligidos e Publicados pelo Barão de Studart. Fortaleza: Minerva – Assis Bezerra, 1905.
- VIDAL-NAQUET, Pierre. Um Eichman de Papel. In: Apud MALERBA, Jurandir (org.). *A Escrita da História*. São Paulo: Contexto, 2006.

